

MOCREIA, UMA PARÓDIA

MOCREIA, A PARODY

DOI: 10.70860/ufnt.entreletras.e19372

Raimundo Sousa¹

Resumo: Este texto ficcional consiste em uma breve peça teatral elaborada pelo autor enquanto atuava na educação básica. O texto foi criado com vistas à encenação por alunos de uma turma de Ensino Médio em uma competição de performance teatral. *Mocreia, uma Paródia* procede a uma releitura da tragédia grega *Medeia*, de Eurípedes, adaptada ao contexto do século XXI.

Palavras-chave: Teatro; Tragédia; *Medeia*; Paródia.

Abstract: This fictional text consists of a short theatrical play written by the author while he was working in basic education. The text was created with a view to being staged by high school students in a theatrical performance competition. *Mocreia, a Parody*, is a reinterpretation of Euripides' Greek tragedy *Medeia*, adapted to the 21st century context.

Keywords: Theater; Tragedy; *Medea*; Parody.

Personagens:

Narrador

Rei

Princesa

Mocreia

Zangão

Bibi, pajem de Mocreia

Escrava Pamela

Escrava Isabelle

As crianças

O pajem

¹ Doutor em Estudos Literários (Teoria da Literatura e Literatura Comparada) pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor Adjunto de Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). E-mail: raimundosou@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5604-8781>.

Bruxa

Policiais

Soldados

Coro

NARRADOR: Estamos na Grécia, civilização que inventou a filosofia, a política, a democracia e o teatro. Multidões se reuniam em colossais anfiteatros, a céu aberto, para assistir a espetáculos como a dança grega, em que belas musas exibiam toda a sua graça e perfeição:

(A apresentação se inicia com um número de dança grega)

NARRADOR: Senhoras e senhores, naquela cultura helênica, que idealizava o corpo atlético, a performance corporal era explorada em espetáculos teatrais como a peça *Medeia*, ou, permitam-me um trocadilho, *Mocreia*, pois essa é uma das vilãs mais sanguinárias da história. Presidiária condenada à morte devido às suas feitiçarias, *Mocreia* fugiu da penitenciária de Ribeirão das Neves, atravessou as regiões da Mesopotâmia, do Barreiro e do Betânia, despistou os centuriões da PM se refugiaram em Atenas. Corria em toda a Grécia a fama de uma bruxa pós-graduada nas artes amatórias:

BRUXA: Traga a pessoa amada em cinco dias! Aceito vale-transporte para o Barreiro e *ticket* refeição para o restaurante popular!

MOCREIA: Ei, você aí, preciso de algo infalível para fisgar um homem. Não tente me enganar só porque sou rica. Saiba que sou feitiçeira como você, mas a bruxa de casa não faz milagre.

BRUXA: Já ouviu falar no perfume *Fisga-marido*? Cleópatra, a rainha do Egito, todo mês compra um fardo com 12 garrafas. Não à toa ela tem todos os homens aos seus pés.

MOCREIA: Quero só uma garrafa, porque só um homem me interessa, e estou disposta a exterminar qualquer megera que atrapalhar meus planos.

NARRADOR: Graças às mandingas e artifícios, *Mocreia* conquistou o homem mais belo, mais forte, mais atlético de toda a Grécia. *(Entra Zangão, exibindo-se. O coro masculino debocha: “Frango! Frango! Frango!” Zangão se junta a Mocreia no centro do palco)*. Juntos, constituíram família e tiveram três crianças dóceis e angelicais. *(Entram as crianças, fazendo travessuras; Zangão vai atrás delas; saem de cena)*. *Mocreia*, agora uma senhora casada, é bajulada por suas escravas *(Entram as escravas, que a abanam com folhas de palmeira)*, tem

dois massagistas romanos que cuidam de sua coluna e um *personal stylist* que cuida do seu *look* (*Entra o cabeleireiro com uma escova nas mãos*). Mas Mocreia não é feliz...

MOCREIA: Chega! Saiam todos! Cambada de mercenários! Só me adulam porque sou rica! Não preciso de bajuladores. Sei o quanto sou linda!

ZANGÃO: Que foi, minha deusa?

MOCREIA: Um pé de galinha! Como pode? Minha pele sempre foi como uma uva!

ZANGÃO: Continua como uma uva, mas agora uma uva passa.

MOCREIA: Então finja que sou seu panetone e venha me degustar...

ZANGÃO: Espere um pouquinho, estou vendo um seriado.

MOCREIA: Na Netflix?

ZANGÃO: Não, XVídeos, um canal sobre o corpo humano.

MOCREIA: Por falar em corpo, venha aquecer o meu!

ZANGÃO: Daqui a pouco.

MOCREIA: Agora!

ZANGÃO: A patroa é que manda (*Ele vai até ela*).

MOCREIA: Você está tão frio ultimamente.

Zangão: É que tenho os pés gelados.

MOCREIA: Não me procura mais à noite.

ZANGÃO: São devaneios seus. Você é minha mulher. Você tem pé de galinha? Tem? Tem celulite? Tem! Tem mau hálito? Tem! Está gorda? Está! Mas é com você que me deito toda noite.

MOCREIA (*Sarcasticamente*): Deita, vira e dorme! (*Zangão se vira para o canto e começa a roncar; Mocreia fica pensativa e vai até a bruxa*).

MOCREIA: Preciso de uma consulta, agora! Essa lâmpada, com cara de Oiapoque, funciona mesmo ou é enrolação?

BRUXA: Veja com seus próprios olhos o que seu marido faz agora! Está indo ao coliseu!

MOCREIA: Normal, ele aprecia uma tourada.

Bruxa: Sim, aprecia e muito, uma tou-ra-da, principalmente quando ele é o touro! (*Paralelamente, Zangão e a princesa se beijam junto às pilastras do coliseu, gesticulam e saem pela outra saída*).

MOCREIA: Quem é essa megera?

BRUXA: A princesa de Atenas.

MOCREIA: Preciso dar um fim a essa mulher!

BRUXA (*Mostra uma lustrosa maçã*): Isso te lembra algo?

MOCREIA: Lembra, uma amiga tentou isso com a enteada e se deu mal. Preciso de algo mais potente.

BRUXA (*Mostra um vidro de veneno*): Chumbinho!

MOCREIA: É disso que eu preciso para explodir o ventre dessa songamonga, até que ela vomite todas as tripas pelas ruas de Atenas. (*Cheia de ódio, Mocreia prepara o veneno, colocando o chumbinho na garrafa de catuaba, e sai de cena. Entram a princesa e Zangão, em trajes de banho*).

ZANGÃO: Valeu a pena termos saído de Atenas e vindo de charrete até Guarapari. Que sol radiante! Você está toda bronzeada, minha princesa!

PRINCESA: Sim, mas tem uma parte que não pegou sol. Está branquinha!

ZANGÃO (*Salivando*): Posso ver!

PRINCESA (*Olha para os lados e o leva para um canto*): Venha cá! Agora posso mostrar minha marquinha... é no dedo anelar, onde guardo esse anel que minha finada mãezinha me deu. (*O casal sai de cena, indicando que Zangão a convenceu a se entregar a ele. Entra Mocreia, chorando e dando gargalhadas, de forma histérica. Chega a escrava Pamela com avental*).

ES CRAVA PÂMELA: O que a senhora deseja para o jantar, dona Mocreia?

MOCREIA: Uma língua, bem fresca, com o sangue ainda pulsando!

ES CRAVA PÂMELA: Mas, madame, onde a senhora vai encontrar uma vaca a esta hora?

MOCREIA: Bem aqui na minha frente, olhando para mim. Estou com um desejo insaciável de comer língua de criada linguaruda! Bibi, Bibi, corte a língua dessa vagabunda! (*Entra Bibi*).

BIBI: Ma-ma-ma-ma dame, eu tenho medo de sangue, e minhas mão delicadas foram feitas para colocar anéis, não para segurar uma serra elétrica. Isso é coisa de homem!

Mocreia: Ou você corta a dele, ou eu corto a sua! Sua biba insolente! (*Corre Bibi atrás da escrava*).

MOCREIA: Tenho fome, forme de sangue! (*Ouve-se um grito e volta Bibi com uma travessa, contendo uma língua ensanguentada*). Mocreia a devora com gulodice e ódio, dando gargalhadas, e sai de cena. (*Entra o rei apressadamente*).

REI: (*Para Zangão*). Olha, minha filha é uma moça pura (*Coro feminino solta gargalhada*). Se quiser tocar um dedo nela terá que se separar de Mocreia. Já levantei a ficha dessa mulher com meus contatos em Ribeirão das Neves. É o tipo de mulher mais perigosa que existe!

PRINCESA: Por quê, papai?

REI: Porque ela é um canhão!

PRINCESA: Finalmente, hein, papai, o senhor deu as caras. Na versão original o senhor tem mais presença.

REI: Na versão original não tinha o jogo do tigrinho, filhota.

ZANGÃO: Tudo bem, vou pedir o divórcio, para ter o prazer de ao menos pegar na mão da sua filha (*Coro feminino zomba: “Pegar na mão, hahaha”*). (*Entra Mocreia com uma garrafa de catuaba*).

MOCREIA (*Traz numa das mãos uma garrafa de catuaba e na outra esconde uma faca*): Uma diva deve saber sair cena sem descer do salto. Eu aceito dar o divórcio, e para mostrar que estou numa *vibe* pacífica, trouxe uma catuaba de açaí para a noiva. Ela precisará para perder a inibição na noite nupcial. (*Entrega a garrafa à princesa*). Aceite esta lembrancinha, linda! (*A princesa toma a garrafa e bebe no gargalo, enquanto o coro brada: “Não beba! Não beba!” A princesa cai desfalecida ao colo de Zangão*).

REI (*Para os soldados*): Pedrão! Reginaldo! Prendam essa mocreia e a levem para a masmorra! (*Os soldados a levam*).

ZANGÃO (*Deposita a princesa no chão*): Agora só me restam meus filhos... (*Chegam as crianças chorando*). Ouvem-se dois gritos off-stage. Aparece a escrava Pâmela muda, balbuciando.

ZANGÃO (*Para a outra escrava*): Traduza!

ES CRAVA ISABELLE: Mocreia degolou os dois soldados e fugiu!

ZANGÃO: Como o senhor, tão esperto, deixou sua filha beber do veneno?

REI: Exatamente por isso, porque sou esperto. Consultei o oráculo e vi que minha filha não era a mulher ideal para você!

ZANGÃO: Eh, pelo visto nenhuma mulher é ideal para mim...

REI: Que tal experimentar algo diferente? (*Saem o rei, Zangão e as crianças de mãos dadas*).

CORO: Viva a diversidade!

*Recebido em 02 de outubro de 2024
Aceito em 19 de outubro de 2025*